

PIB cresce 4,36% no 1º trimestre

■ IBGE mostra que o resultado é puxado pela recuperação da indústria este ano

O Brasil alcançou, este ano, o maior nível de produção já registrado em um primeiro trimestre desde 1980. De janeiro a março, o Produto Interno Bruto (PIB) aumentou 4,36% em relação ao último trimestre do ano passado, segundo dados divulgados ontem pelo IBGE. Em relação aos três primeiros meses de 1992, o crescimento foi de 4,69%.

O maior crescimento se deu no comércio: 9,6% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. Mas segundo Samuel Sidsamer, coordenador da equipe técnica do Departamento de Contas Nacionais do IBGE, o dado importante é que esse crescimento é puxado pela recuperação da indústria, cujo PIB vinha caindo fortemente. Em relação ao primeiro trimestre do ano passado, o PIB industrial subiu 7,15%, com destaque para a indústria de transformação (8,79%) e de construção (7,21%).

Ele alerta, no entanto, que ainda assim a produção da indústria de transformação mal recuperou o nível de 1980 (cresceu apenas 1,26%). E a construção ainda está 11,33% abaixo da produção de 13 anos atrás.

Os motivos apontados pelo IBGE para esse resultado são a recuperação parcial do poder de compra dos salários, afuga de

recursos do mercado financeiro para o consumo e o aumento da renda gerada pela agropecuária.

À agricultura, aliás, cabe papel de destaque na evolução do PIB. É uma atividade que vem registrando crescimento desde o início da década de 80, com pouquíssimas interrupções nesse processo. No ano passado, foi colhida a segunda maior safra de grãos da história do país. E segundo Sidsamer, a importância disso reside no fato de que houve pouquíssimo incentivo oficial à produção. O crescimento do PIB já tinha sido registrado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), embora com um número ligeiramente inferior: 3,4% em relação ao último trimestre do ano passado. O Ipea reviu sua projeção para o ano, de 1,7% para 3,1%.

A questão é saber se este é um crescimento sustentável ao longo do ano. Na visão do Ipea, esta é uma fonte de dúvidas justificadas pela aceleração da inflação e pela ainda modesta recuperação do nível de emprego. Já o IBGE espera a estabilização do crescimento da produção nos níveis do primeiro trimestre.

O IBGE divulgou ainda a estimativa preliminar do valor do PIB de 1992: Cr\$ 1,778 quatrilhão, queda de 1% em relação a 1991.

Mudança traz perda

CONSUELO DIEGUEZ

A boa notícia de reavaliação do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro — que passou de US\$ 450 bilhões para US\$ 790 bilhões, de acordo com a nova metodologia adotada pelo FMI — tem uma contrapartida não muito favorável ao país. É que, ao ser considerado mais rico, o Brasil perde algumas facilidades na concessão dos empréstimos do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), não só em recursos como também no valor das taxas de juros, que tendem a aumentar.

A avaliação é do diretor da Fundação Getúlio Vargas, Julian Chacel, um dos poucos a não se empolgar com o novo PIB. Chacel lembra que durante anos o Itamaraty contestou mudanças na graduação do Brasil na questão do PIB exatamente para evitar que o país perdesse algumas facilidades na concessão de créditos externos. Mas essa riqueza aparente traz outros prejuízos, como o aumento da contribuição à ONU.

Por essa razão, a China vem contestando os dados do FMI, que a colocam como a terceira maior economia do mundo. A nova metodologia dá a impressão de um aumento do produto, quando na verdade, o seu tamanho, em termos reais, é exatamente igual ao utilizado pela metodologia anterior. Essa mudança de cálculo não significa que o país e o povo ficaram mais ricos, explica Cha-

cel. O que acontece é que, ao invés de considerar o valor da produção em dólar americano, o cálculo passa a considerar a valor dos bens aqui produzidos em cruzeiros, para depois fazer a conversão da moeda.

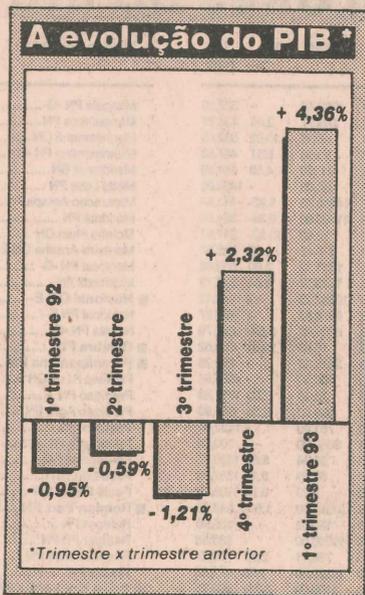
Um sanduíche Big Mac, da rede MacDonald's, produzido nos Estados Unidos, custa US\$ 4 (Cr\$ 192 mil). Por US\$ 4, no entanto, é possível comprar no Brasil dois Big Macs. Isto é o que foi feito com a mudança de cálculo. Ou seja, ao invés de se utilizar o preço praticado nos Estados Unidos, utilizou-se como critério os preços praticados internamente, que são muito mais baratos. Desta forma, a produção parece maior.

Controvérsias —

Chacel não se impressionou com a nova metodologia. De posse de um exemplar do livro *Estudo comparativo de PNB*, publicado em 1954 pela OCDE, o eco-

nomista mostra que essa metodologia já era discutida naquela época. No entanto, segundo ele, por se tratar de um método difícil de ser aplicado pode gerar controvérsias. Existem em todos os países produção e bens de serviço que não são feitos em série. Isso traz dificuldades para mensurar o custo embutido em cada artigo.

“É possível comparar preços de sanduíches da mesma rede ou de remédios de laboratórios iguais. Não se pode comparar, no entanto, automóveis. A qualidade dos produtos pode ser muito diferente de um país para outro.”



Julian Chacel